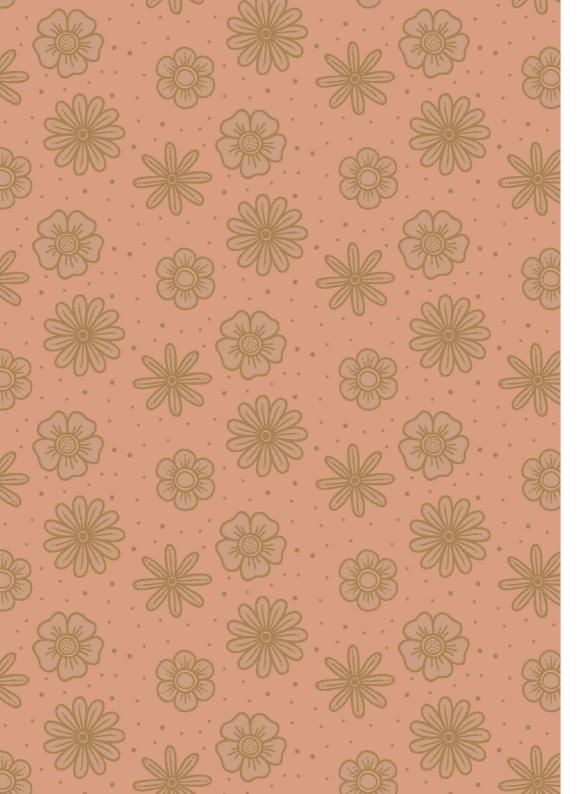


Gabriela Silveira Reis Nícia Raies Moreira de Souza Ricarda Maria Gonçalves da Costa





Era uma vez Ricarda

Gabriela Silveira Reis Nícia Raies Moreira de Souza Ricarda Maria Gonçalves da Costa

Belo Horizonte Fundação João Pinheiro | 2017



NOTA DE ABERTURA

Quando alguém nos conta sua história, temos a oportunidade de conhecer outras realidades, sair do nosso mundo e aprender coisas novas! Ser criança é também isso: ouvir histórias e, logo, mergulhar num mundo novo, imaginar as cenas, soltar perguntas!

Os livretos que acompanham o livro Mulheres do Campo de Minas Gerais: trajetórias de vida, de luta e de trabalho com a terra, como as sementes de uma flor dente-de-leão, foram feitos para voar e alcançar crianças em todos os lugares, os pensados e os não pensados... Se este livreto chegou até suas mãos é porque você quer alcançar outros mundos, saber mais, entender coisas que ainda não entende...

Convidamos você a virar a página, desfrutar a leitura, usar a imaginação, perguntar o que precisar, para que possa terminar essa viagem de exploração com mais conhecimentos.

Ana Paula Salej Gomes

Diretora do Centro de Estudos em Políticas Públicas Fundação João Pinheiro Era uma vez, num reino nada distante, sem reis e sem rainhas, uma mulher que um dia foi criança. E, quando era criança, Ricarda trabalhava ajudando seus pais.

– Quem não trabalha, não come! Então, pra fazer jus ao seu almoço, você tem que ter desenvolvido a tarefa que eu te dei – dizia seu pai, com muito carinho. Satisfeita por ter a confiança dos seus pais, Ricarda adorava suas pequenas responsabilidades, como cuidar da horta. Tirava matinhos indesejados que estavam no meio das verduras e as molhava. Cuidava da terra e das coisinhas que dali colhia, para depois comer.

E mesmo que no reino onde Ricarda cresceu não tivessem fadas e rainhas, ela sonhava com um sapatinho de princesa... Como tinha paixão por aquele Luís XV! Mas, espera aí! Não se engane. Ela gostava do sapatinho, mas não gostava da nobreza! É que aquele sapatinho era um presente que todas as suas irmãs já haviam ganhado, quando completaram 14 anos. Era um presente de aniversário, que marcava, na sua casa, o crescimento da menina.

A aniversariante fazia um bolo, nem que fosse pequenininho, e ganhava o sapato.

Enquanto crescia, nessa terra sem castelos e ostentação, Ricarda aprendeu a trabalhar, a cozinhar, a passar e lavar roupas, a costurar, além de ajudar em serviços de roça. Ela era uma criança que trabalhava, mas que trabalhava cuidando das coisinhas de sua casa e de sua família. O trabalho, por isso, era também um ato de amor.

Certa noite, o pai de Ricarda explicou pra família que a vida, naquele reino de roças e hortas, verduras frescas e ar puro, infelizmente, estava muito difícil. Apesar da terra oferecer alimentos, eles não eram o suficiente. Então, dias depois, ela deixou o campo com seus pais e irmãos e mudou-se pra São Paulo. Viu como o reino onde ela cresceu não era tão longe?!

Quando Ricarda chegou nessa nova cidade, tão grande e diferente, ela começou a trabalhar de verdade, que nem gente grande, porque precisava ajudar a família a pagar aluguel e comprar comida. A realidade, agora, era outra. Na sua nova casa, eles não plantavam mais para ter a comida.

E Ricarda teve vários trabalhos. Trabalhou como babá de uma criança – um neném alemão. Ela lavava roupas, passava pano, guardava louças. Trabalhou também em uma metalúrgica. Vendeu enciclopédias, costurou roupas para vender para colegas, foi dona de um restaurante... Se tem uma coisa que Ricarda fez, foi trabalhar demais!

Na metalúrgica, ela fazia de tudo, mas o que era mais prazeroso era ficar escrevendo. Na época do êxodo rural¹, quem chegava do interior para trabalhar nas empresas da cidade grande não sabia ler e escrever. Eles precisavam de ajuda e era Ricarda quem ajudava. Como ela era inteligente e companheira!

Mas, não se engane, nem tudo naquelas empresas era tão bom de fazer. Lá, também tinha serviços ruins e perigosos. A maior parte das suas amigas de trabalho, meninas da mesma idade que ela, se machucaram, numa máquina muito difícil de mexer... A prensa.

É, essa realidade nova, nesse reino novo, era muito difícil. Os adultos e as crianças trabalhavam muito,

¹O êxodo rural é a migração em massa do campo para a cidade, em busca de melhores condições de vida.

muito mesmo. As fábricas engoliam as pessoas às 6h da manhã e as vomitavam, depois do pôr do sol.

Então, Ricarda, que era muito inteligente começou a pensar, a pensar e a pensar... "-Por que o mundo é assim?" Ela não entendia por que ela, sua família e seus colegas trabalhavam tanto e não ganhavam quase nada. Pra quem ia aquele dinheiro das coisas vendidas pelas empresas em que trabalhavam? Era o lucro! Para Ricarda, aquele lucro tinha que ser dividido com ela e seus companheiros!

De menina que sonhava com um sapatinho Luís XV, Ricarda cresceu e se tornou uma garota rebelde, que via o que estava errado no mundo e lutava para mudar. Pois é, a rebeldia não é um capricho: é um desejo forte de mudança daqueles que não se conformam com as desigualdades!

E assim foi Ricarda pelo mundo. Se informando, estudando, correndo atrás de seus sonhos e conhecimento! Voltou para a escola e fez cursos:

Eu quero estudar!Eu vou tomar posse de conhecimento!

Mas nem sempre foi fácil. Nessa história que não é um conto de fadas, não havia dragões, nem bruxas, mas tinha outros perigos! Às vezes, seu pai precisava buscá-la no ponto de ônibus, que era longe de sua casa, num lugar escuro. Na periferia onde morava, não tinha luz em todas as ruas e elas não eram asfaltadas. Quantas vezes, nos dias de chuva, ela caiu com seu pai, quarda-chuva e tudo, nas poças de lama!

Um dia, por causa das coisas que ela estava aprendendo na escola e das conversas que tinha com os colegas de trabalho, os chefes da empresa em que ela trabalhava começaram a ficar preocupados:

 E se ela transformar todos em rebeldes?! Isso é um perigo: todos vão querer salários mais justos, todos vão querer receber pelas horas extras trabalhadas! E os nossos lucros? Ah, nossos lucros vão diminuir! – Diziam aqueles homens, sentados em suas mesas grandes.

Então, ela foi demitida... Desse trabalho e de todos os outros, quando ousou mostrar que era uma garota bem informada. E um dia, precisando muito de um trabalho, Ricarda andou, andou, andou e pediu emprego em 10 empresas de metalurgia diferentes, mas não conseguiu trabalho nenhum.

Mas não fique com dó! Nada abalava Ricarda! Essa garota era forte e, se aparecia uma adversidade, ela logo a transformava em oportunidade. Lembra que Ricarda trabalhou com muitas coisas diferentes?!

E, se a história dela não era de princesa antes, ficou menos ainda no dia que ela foi ao teatro, assistir ao balé. Sem dinheiro nem roupas para participar daquele espetáculo que era muito lindo, mas também muito caro, Ricarda bem quis que houvesse fadas para lhe ajudar, como a fada que ajudou a Cinderela. Como fada nenhuma apareceu e como Ricarda não se conformava com a desigualdade que há no mundo, correu atrás de um concurso de ingressos, que a rádio da cidade ofereceu. Ganhou, assim, os ingressos e pegou roupas emprestadas com a chefe de seu pai. Ricarda assistiu ao espetáculo, chocada que sua roupa era na verdade a pele de um bichinho inocente.

– Por que essa gente que se diz chique precisa explorar pessoas e animais?! Que maldade!

A vida de Ricarda foi muito cheia e ela fez muitas coisas... Ela trabalhou em muitos lugares, mudouse várias vezes, casou, teve um filho, separou-se do

10

marido, cuidou do filho. E ouviu o filho pedir para morar com o pai. Ricarda esperava que ele voltasse, aos finais de semana. Ficava que nem adolescente, esperando dar o sábado para namorar. Mas isso nem sempre acontecia. E, por um tempo, ficou triste. Ela ficava esperando o filho vir da casa do pai, mas ele não vinha. É... Esse período foi difícil... Mas, logo, logo, Ricarda percebeu que ela tinha mais 100 crianças para cuidar em seu novo trabalho. Essas crianças precisavam dela e esse laço afetuoso que desenvolveu com aquelas crianças preencheu seu coração.

Certa noite, muito parecida com aquela que ficou sabendo que se mudaria para São Paulo, Ricarda começou a pensar na cidade em que morava. Era um lugar triste. Cheio de gente que vivia com pressa, com pouca natureza e muita violência. Viu gente morrer do seu lado, por causa daquela brutalidade toda. Não estava mais feliz ali. E do mesmo jeito que seu pai lhe contou que eles mudariam para São Paulo, Ricarda contou para si mesma que iria embora dali.

- Mas para onde?

Por um tempo, foi mudando para vários lugares.
Conheceu várias pessoas, cidades e coisas diferentes.
Rodou pelo mundo, procurando se encontrar... Até que um dia, sem nenhum aviso, encontrou um cantinho muito parecido com tudo que sempre sonhou. Lá, tinha a natureza que ela valorizava e também tinha gente que lutava contra as desigualdades do mundo como ela. Que lugar lindo para se viver!

Era uma fazenda muito grande, em Campo do Meio. Puxa, quantas famílias cabiam ali! Mas essa fazenda estava abandonada... Os donos não se importavam com ela, mas, gananciosos, não vendiam e não doavam... Queriam ter só para eles, mesmo que eles mesmos nem usassem... Quando Ricarda chegou nessa fazenda, já havia muitas famílias ocupando aquela terra. Eram tantas famílias, que não conseguia contar! Mais que isso, havia famílias usando aquelas terras para plantar e produzir. Gente que ajudava a acabar com a fome do mundo. Gente que cuidava, para que comida saudável chegasse às mesas de jantar do pessoal da cidade grande. Gente que tratava a terra com respeito, porque sabe que ela é geradora de vida.

Mas de onde tinha vindo tanta gente? Eram pessoas que não tinham terra para morar ou plantar, mas tinham vontade de trabalhar. E como trabalhavam! Aquela fazenda que, durante anos, ficou sem produzir, sem vida, abandonada, agora, estava a todo vapor! Era um grupo tão forte de pessoas, mas tão forte, que sua organização causava admiração. Quem sabia uma coisa, ensinava para quem desconhecia. Desse jeitinho, carinhoso e organizado, uma fazenda que era abandonada, virou um lar. Um lar que reunia pessoas desabrigadas, virou um trabalho. Um trabalho que dava dinheiro, comida e oportunidades para famílias pobres, tornou-se uma escola. E essa escola se tornou o principal trabalho de Ricarda.

Hoje, já uma senhora, Ricarda ainda vive nessa fazenda, dando aulas na escola que há lá dentro e que ela ajudou a construir. Ela ensina crianças e adultos, despreocupada de perder seu emprego ou ser excluída, porque, nessa escola da fazenda, não há donos ou chefes que tem medo de funcionários rebeldes. Na verdade, lá é uma fazenda de pessoas tão rebeldes quanto Ricarda que têm sede de conhecimento e gana para mudar o mundo.

Era uma vez, num reino nada distante, sem reis e sem rainhas, uma mulher que um dia foi criança. Uma criança que cresceu sem fadas ou sapatinhos de cristal. Uma garota que não procurou príncipes, nem sapos para beijar. Que não enfrentou dragões, nem bruxas.

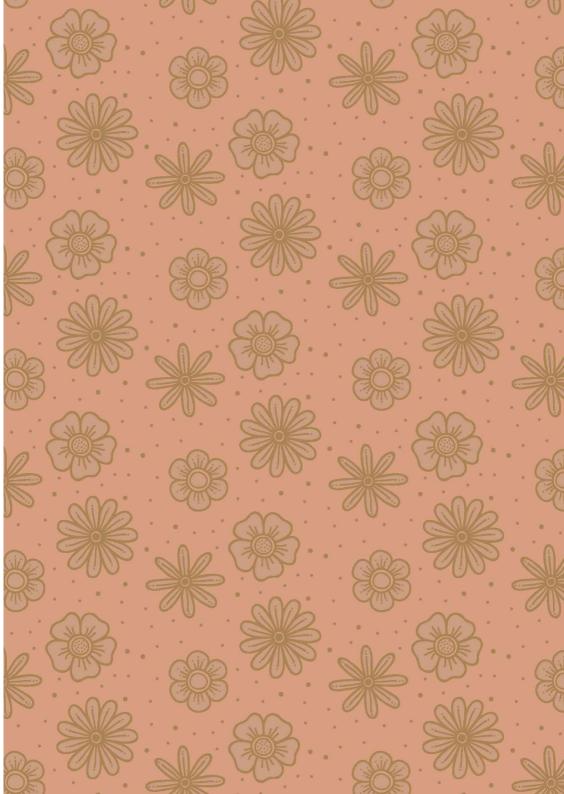
Era uma vez uma mulher que cresceu com vontade de mudar o mundo com as próprias mãos. Fosse mexendo na terra e cultivando comida saudável para gente com fome, fosse gerando mudanças nas vidas das pessoas e na história do mundo. Era uma vez Ricarda, uma mulher que sabia que ser mulher é lutar, diariamente, pelos seus direitos.

Um dia, no meio de uma aula, Tuíra, sua aluna, levantou a mão:

– Ricarda, a senhora É a história da luta de classes no Brasil!



14



Keauzaçad



SECRETARIA DE DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO



Apoio











Produção vídeos

